A PRESENÇA DE MARIA NA MPB: um recorte

Eunaide Monteiro de Almeida Silva [1]
Percy Marques Batista[2]
Severino Crisóstomo dos Santos [3]

Introdução

Em todas as religiões cristãs, a presença de Maria é inevitável. Em algumas lhe é creditada a autoridade de mãe, rainha ou outros títulos grandiosos que a torna a maior entre todas as outras mulheres. Em outras religiões, ela é vista como uma entre todas e que foi escolhida para ser a mãe de Jesus, mas que, por si só, não tem a mesma referência nem recebe as mesmas honrarias.

A origem do antropônimo Maria, seja em hebraico, aramaico, árabe ou grego, sempre nos remete a uma ideia de alguém com um diferencial: senhora, soberana, vidente, pura, respectivamente. Este nome ficou muito conhecido em muitas regiões do mundo e é muito corriqueiro, no Brasil, ser usado como sinônimo de mulher, inespecificamente. Também é comum encontrá-lo em letras de canções executadas nas igrejas e até mesmo em músicas apresentadas em shows que não têm nenhuma conotação religiosa, numa demarcação de fé e devoção, mostrando que a música pode funcionar como importante veículo difusor do universo religioso, contribuindo para a formação das pessoas presentes nos eventos, porém, de forma diluída na cultura geral.

Neste caso, "explorar algumas das muitas formas pelas quais seus símbolos [da religião], artefatos, valores projetos e questões se constituem e colaboram para construir e transformar os cenários sociais e políticos de que participam" (BIRMAN, 2003, p.12).

Neste sentido, estes artistas, através de suas obras, estabelecem um diálogo entre música popular e campos religiosos que ajudam na divulgação positiva de valores que fazem parte de suas vivências pessoais.

Neste artigo, temos como objetivos refletir sobre Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, e sua presença em algumas canções da Música Popular Brasileira (MPB)

[1] Mestranda em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
[2] Mestrando em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
[3] Mestrando em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

de acordo com perspectivas mariológicas e tratar das características emocionais ou psicológicas que a música traz para quem canta e para quem ouve.

Para realização deste trabalho, utilizamo-nos da pesquisa exploratória visto que ela pode envolver “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e a análise de exemplos que estimulem a compreensão”, conforme nos indica Gil (2008). No caso desta pesquisa, observamos que existe pouca literatura sobre o tema em tela e nos valemos de leituras sobre a importância da música para o desenvolvimento holístico do ser humano e tentamos fazer uma relação entre os sentimentos que a música desperta e alguns conceitos da psicanálise.

Maria em algumas canções da MPB

Segundo Parades (2011) a Mariologia é o conjunto de estudos sobre a Virgem Maria. A finalidade destes estudos é, para enriquecer o campo teológico e cristão, trazer a figura feminina de Maria para o centro das discussões e aprofundar os conhecimentos sobre a relação de crença e piedade que os fiéis estabelecem com ela. De acordo com a tradição, a Mariologia apresenta quatro subdivisões a saber: a Histórica, a Popular, a Bíblica e a Sistemática. A seguir, analisaremos brevemente algumas obras a partir das perspectivas em que elas se encaixam por suas características.

Mariologia Histórica

Estuda dados históricos, sociais e afins que permite o acesso do conhecimento sobre Maria de Nazaré enquanto pessoa comum, situada num espaço e num determinado período histórico, sem considerar os dogmas da Igreja nem as práticas pelos fiéis a ela devotadas. Neste caso, apresentamos dois exemplos de músicas com um breve comentário.

Na obra “Maria, Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, ela é apresentada como uma pessoa que sofre todas as dores e convive com todas as limitações que as mulheres do seu tempo; traz a ideia de que a mulher merece “viver e amar”. Usa o nome de Maria para se referir a toda e qualquer mulher mostrando o quanto é necessário ter habilidade e força, graça e leveza ao mesmo tempo, para

conseguir sobreviver numa cultura machista. Assim, faz analogia à Maria de Nazaré que, sendo nascida numa sociedade onde a mulher de nada valia, se destaca pela sua forma de ser e estar no mundo.

Na música “Meu bom José”, de George Mostaki, versão de Nara Leão, Maria vem trazendo a imagem de Maria enquanto mulher, casada com um homem comum, mas que também assumiu a posição de apoiar Maria que era uma mulher muito à frente do seu tempo.

Mariologia Bíblica

Nesta perspectiva, estes estudos enveredam pelos fundamentos bíblicos que servem de base às religiões cristãs. Neste sentido, há polêmicas em relação aos dogmas apresentados pela Igreja Católica (Mãe de Deus, Perpétua Virgindade, Imaculada Conceição, Assunção, Mãe da Igreja, Medianeira, Co-Redentora), porém, as informações contidas na Bíblia, mesmo que interpretadas de formas diferentes, são aceitas como legítimas por todas as igrejas de denominação cristã. Algumas canções da MPB contam essa história como é o caso de Anunciação de Alceu Valença que faz alusão ao anjo que foi enviado por Deus para anunciar a Maria a chegada do Salvador e a música Ave Maria, interpretada por inúmeros cantores de todas as épocas, como por exemplo, Caetano Veloso, que professa um credo de uma matriz religiosa diferente, porém, canta esta canção que traz toda a letra baseada em Lc 1:28-48, mas com a mesma estrutura que é apresentada pela Igreja Católica.

Mariologia Popular

Trata do estudo sobre as devoções recebidas da tradição eclesiástica e das práticas populares que, mesmo sem a orientação da Igreja, são entendidas como necessidade real do povo sofrido e, mesmo quando não fomenta, a igreja “permite” certas práticas por entender que estas conferem ânimo e esperança aos mais desprovidos de bens materiais e culturais. Na MPB, é muito comum encontrarmos interpretações dessas canções que se tornam famosas porque tratam de temáticas relacionadas diretamente às necessidades de todas as pessoas. Em músicas como **“**Nossa Senhora”, de Roberto Carlos, **“**Romaria”, de Renato Teixeira) e **“**Ave Maria Sertaneja”, de Julio Ricardo e O. De Oliveira, podemos observar as

súplicas confiantes dos fiéis que esperam receber o que é necessário para sua sobrevivência ou para sua felicidade. Até mesmo em desfiles de escolas de samba, pode ser observado o fervor do povo que entoava o samba enredo da Escola de Samba Unidos de Vila Maria (2017) na qual além de pedir as graças desejadas, engrandecem o nome de Maria e a proclamam “Rainha do Brasil”.

Mariologia Sistemática

Nesta perspectiva, estes estudos aprofundam os elementos oriundos da história, dos textos bíblicos e da devoção popular organizando-os em consonância com as doutrinas cristológicas e eclesiológicas. No Concílio Vaticano II, feito de forma ecumênica, no que se refere ao Critério Antropológico, continua sendo fiel à Sagrada Escritura, porém, descreve uma Maria vista no conjunto da história da salvação, valorizando a pessoa humana de Maria colocando-a no lugar de sujeito, aquela que toma decisões e, desta forma, ressalta a sua experiência e o seu testemunho de vida que, de forma livre, consciente e responsável se compromete com a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Este Concílio teve a preocupação de “encontrar pontos de convergência e de unidade de todos os irmãos de Cristo” (CONCÍLIO DO VATICANO II, 1966).

Se a igreja continuar nesta linha, quem sabe veremos não só uma Maria ecumênica, mas uma Maria que perpasse o diálogo inter-religioso, sendo mãe também de todas as pessoas em qualquer que seja sua prática religiosa, cristã ou não-cristã, conforme podemos ver na música “Ave Maria da Rua”, de Raul Seixas e Paulo Coelho, na qual eles versam sobre uma Maria que transcende todo e qualquer credo porque a sua presença é importante seja qual for a forma, o lugar e o nome pelos quais ela seja conhecida ou necessária.

Características emocionais ou psicológicas que a música traz para quem canta e para quem ouve

A música traz efeitos positivos tanto para quem canta quanto para quem ouve, de forma que Vasconcelos (2013) afirma que crianças instruídas musicalmente aprendem mais do que as que não recebem este benefício.

A música pode ser usada para diversos fins como para um simples deleite ou passa tempo, para estabelecer equilíbrio, harmonia e organização interna (visto

que os sons são apresentados de forma organizada), em momentos de relaxamento, entre outros. A música interfere no humor, na respiração, nos batimentos cardíacos, na temperatura e na imunidade da pessoa. Pode expressar sentimentos e, por isto, funcionar como elemento terapêutico, pois, pode exercer grande influência na vida física, emocional e espiritual do ser humano. Também ajuda no manejo da dor, da angústia e da depressão, pois estimula o cérebro na produção de endorfina.

Na música se faz uso de todas as partes do cérebro; ela estimula a memória, ajuda a manter o foco, a atenção, auxilia no desenvolvimento da coordenação motora e da cognição, ou seja, promove um desenvolvimento holístico (PINTO, 2009). A música forma e informa tanto através da melodia quanto através da letra das canções e isto pode influenciar e até mesmo mudar o modo de ser e o comportamento de quem tem contato com esta linguagem artística que sempre esteve presente em todas as culturas, em todos os tempos e, mesmo as pessoas surdas são capazes de experienciá-la através das vibrações que recebem quando as escutam. E por que um artista escolhe uma divindade cultuada em uma determinada religião e a leva para sua arte? Teria esta divindade, no caso, Maria, um papel especial nestas canções? É o que discutiremos na sessão a seguir.

Características emocionais ou psicológicas que a música traz para quem canta e para quem ouve à luz de Jacques Lacan e Winnicott

Winnicott desenvolveu o conceito de Mãe Suficientemente Boa qualificando, assim, a mãe que mantem com o filho as qualidades essenciais de apoio, proteção e aceitação necessárias para o desenvolvimento da personalidade do bebê. Maria foi uma mãe que soube dar o suporte/holding para a edificação da personalidade do filho.

Na linguagem artística em tela, considerando alguns conceitos psicanalíticos, a música seria o meio pelo qual a figura materna voltaria à cena na figura de Maria que preenche a falta da mãe ou os vazios deixados por ela, visto que é uma mãe que não julga e ainda intercede por seus filhos, realizando a maternagem numa relação mãe-bebê perfeita, na qual o fiel experimenta a fase de regressão quando se entrega de forma absolutamente dependente aos cuidados de Maria que, de acordo com a necessidade do filho, assume um nome/personalidade que acolha o ego frágil do infante/fiel. Por isto, ela assume inúmeros papéis que a

tornam a Maria dos mil nomes se adaptando às necessidades do/a filho/a que a percebe como uma mãe tão “suficientemente boa” que também lhe oferece um Objeto Transicional: o terço.

Maria se mostra tão loucamente apaixonada pelo filho/fiel e é tão “suficientemente boa” que fica louca de amor pelo filho/fiel a ponto de dar um filho para morrer no lugar do outro que sofre. Assim, o fenômeno da Transferência acontece quando o fiel, repetindo o modelo infantil, transpõe para Maria os sentimentos e impressões do vínculo afetivo que viveu com sua mãe terrena, atualizando esses sentimentos. Dessa forma, outro conceito que podemos usar aqui é o de Projeção que ocorre quando, inconscientemente, o fiel se protege do que lhe causa desprazer (a mãe real) e projeta em Maria, a mãe ideal, suficientemente boa, todas as suas dores e ansiedades, aliviando, assim, o sentimento de culpa e os pensamentos dolorosos ou indesejáveis.

Essa experiência de maternagem (re)vivendo a relação mãe/bebê (Maria/fiel), auxilia na capacidade de Autorregulação que consiste em gerenciar de forma voluntária a atenção e adquirir o controle inibitório ou controle ativador do comportamento sempre que for necessário para se adaptar às dificuldades do cotidiano (LAPLANCHE, 2001).

Por fim, mas longe de esgotar todo o assunto, ressaltamos que toda esta relação varia de acordo com a Subjetividade (outro conceito da psicanálise), pois, cada pessoa irá estabelecer com Maria, uma relação que receberá influência de suas concepções religiosas, de sua constituição psíquica, de suas experiências de vida, de seus valores, de suas inquietações, de seu espaço íntimo, de sua relação intrapessoal, de suas relações interpessoais e da relação que foi estabelecida com a própria mãe durante a infância.

Considerações finais

Neste trabalho pesquisamos sobre a presença de Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo, na MPB, onde pudemos perceber sua importância para muitas pessoas que, cristãs ou não, se valem dela nas horas de dificuldade, compondo músicas em sua homenagem e as executando em eventos que não são religiosos.

Percorremos a Mariologia em suas subdivisões para observarmos as características emocionais e/ou psicológicas de quem compõe e de quem ouve as músicas que tratam desta temática.

Baseados nos estudos de Winnicott (1991), fizemos um breve estudo fazendo uma correlação entre o vínculo afetivo do fiel com Maria de Nazaré e alguns conceitos psicanalíticos, como a ideia de Maria como uma mãe suficientemente boa, que estabelece um holding perfeito mesmo com o indivíduo adulto, de tal modo, que o faz regredir para preencher as lacunas que não foram preenchidas pela mãe terrena, possibilitando a (re)elaboração de uma personalidade sadia e integrada que o faz querer ser “suficientemente bom” na vida.

Referências

BOFF, Leonardo. **A Ave-Maria:** o feminino e o Espírito Santo. 9ª. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Ed, São Paulo; Atlas, 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanalise**. Ed.4 – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas, 2004.

NASIO, J.D. **Introdução às obras de Freud**, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Jorger Zahar Ed., 1995.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia**. Mariologia:** síntese bíblica, histórica e sistemática. Tradução de José Joaquim Sobral. – São Paulo: Editora Ave-Maria, 2011.

PAREDES, Cristo Rey García. **Mariologia:** Síntese bíblica, histórica e sistemática. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2011.

PEDERIVA, P.L.M.; TRISTÃO, R.M. **Música e Cognição. Ciência e Cognição**. Rio de Janeiro, v. 9, 83 – 90, nov. 2006. Disponivel em <http://www.cienciasecognicao.org/ revista/index.php/cec/article/view/601/383> Acesso em: 03 abril 2017.

TEMPORELLI, Clara. **Maria, mulher de Deus e dos pobres:** releitura dos dogmas marianos. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

WINNICOTT, Donald W. **Holding and Interpretation**. Londres: Hogarth Press, 1991.

Disponivel em <http://musicaplena.com/o-impacto-fenomenal-da-musica> Acesso em: 23.04.2017.

Disponivel em < http://www.luizluagonzaga.mus.br > Acesso em: 08.05.2017.